

A Resistência Corporal diante do Trabalho Alienado

Jean Costa Santana

Quando o sofrimento não pode expressar-se pelo pranto, ele faz chorarem os outros órgãos.

William Motsloy

No presente artigo procuramos apresentar o protesto corporal do trabalhador diante do trabalho alienado. Este protesto corporal é realizado diante da realidade exploratória e antinatural do trabalho assalariado moderno onde o trabalhador é obrigado, indiretamente, a se submeter. Entende-se esta obrigatoriedade na execução funcional do trabalho (para aqueles que vendem a sua força de trabalho) devido à privação dos meios de saciação das necessidades primárias humanas.

Acredita-se que o homem é obrigado a se submeter, devido as suas necessidades primárias, à organização de produção atual. Esta organização de produção atual, ou seja, o modo de produção capitalista se fundamenta, basicamente, na extração de mais valor, onde o capitalista (aquele que detém os meios de produção) e o trabalhador (aquele que vende sua força de trabalho) estão em constante acirramento (VIANA, 2009).

A principal forma que o trabalhador entra em submissão ao capitalista, logicamente, é através do seu trabalho. Esta submissão se torna necessária e indiretamente obrigatória, já que o trabalhador precisa vender a sua força de trabalho em troca de um salário e, através desse salário, comprar os meios (que são privados) sendo, estes meios, de suma importância para a saciação das necessidades fisiológicas primárias deste trabalhador. Através do salário, o trabalhador terá acesso aos meios necessários para sua sobrevivência. Portanto, o trabalho “digno” dentro da dinâmica do sistema capitalista se tornou uma obrigatoriedade indireta.

Neste presente artigo apresentaremos a dificuldade do trabalhador em se submeter a essa condição de trabalho estranha, ou seja, o trabalhador não tem no seu trabalho uma atividade livre, criativa e consciente, mas sim, uma luta diária, uma maneira de conservação de sua vida e existência em relações de opressão. A esta forma “penitente” do trabalho atual dá-se o nome de trabalho alienado (MARX 1988). Schneider (1977), citando Marx, definiu enfaticamente a estrutura do trabalho alienado e suas devidas consequências psíquicas ao trabalhador. Ele, Schneider, a partir dos escritos

de Marx sobre o trabalho alienado, descreve em seu livro, intitulado *Neuroses e classes sociais*, algumas consequências patológicas adquiridas pela forma de trabalho atual.

Segundo Schneider, o homem entra num processo de renúncia, no qual se atrofia e ao mesmo tempo nega as suas potencialidades e outras faculdades psíquicas emocionais ao se submeter ao trabalho alienado. Nesse sentido há uma separação da personalidade do trabalhador daquilo que se espera como função do trabalhador e este não tendo mais vontade própria nas linhas de produção, acaba se tornando um autômato, isto é, fora de si mesmo e separado daquilo que produz.

Em todo esse processo de despersonalização do trabalhador diante de seu trabalho, percebe-se a cisão interna implantada no homem, onde suas faculdades superiores inerentes a sua natureza humana são simplesmente descartadas ou, por uma lógica lucrativa, são requeridas do trabalhador. Por exemplo, é requerido do vendedor de uma loja de calçados, a racionalização de suas emoções. Por mais que este vendedor esteja passando por uma depressão crônica, é requerido do pobre vendedor que ele atenda o cliente com um sorriso e uma áurea “feliz”, mesmo custando um grande esforço emocional psicológico na defesa maquiada de seus verdadeiros sentimentos.

Freud (2006) ao analisar a repressão direcionada às necessidades-potencialidades naturais do homem, passou a entender que uma totalidade interligada entre mente e corpo compõe o homem. Logo, a cisão desta totalidade psíquica corporal, que no presente texto decorre do trabalho alienado, contribui para o desenvolvimento de algumas doenças derivadas desta fragmentação do homem que se despersonaliza ou se dessexualiza²⁴ pela sua obediência ao trabalho serviu imposto.

Através da metapsicologia, Freud (2006) apresenta que o homem em suas fontes instintivas, isto é, suas fontes enérgicas impulsivas e inatas que pelas necessidades fisiológicas, se manifestam pelas representações psicológicas compondo desta forma a totalidade do homem. A fonte de tal pulsão que emana dos instintos e o objetivo, assim como a finalidade de tais instintos, é a conservação da espécie humana. Depreende-se que o psíquico do homem conduzido pelas suas necessidades vitais tem por dinâmica sequencial a impulsão pelos instintos, isto é, o investimento no processo de objetivação-exteriorização da sua energia volitiva na transição e criação tanto concreta como abstrata do mundo externo. A partir do momento que as necessidades primárias do homem são

²⁴ No sentido freudiano do termo, indicando o acúmulo (tensão) ou retaliação das pulsões fisiológicas (instintos) ou dos impulsos sentimentais, emocionais ou psicológicos que atuam na formação do homem como um todo.

saciadas elas entram em foco suas potencialidades. Essas potencialidades, de grosso modo, é a posição ativa do homem diante da natureza e junto com seus instintos, o homem atua no seu ambiente e, por conseguinte, alterando-o conforme sua consciência e existência.

O homem através do autocontrole de seus instintos ele se humaniza, e este processo se realiza mediante o processo educacional (VYGOTSKY, 1996). No entanto, vemos a desintegração desse processo que se faz pelo trabalho moderno alienado onde o homem é fragmentado de sua totalidade e seus instintos racionalizados²⁵ e suprimidos pela repressão do trabalho servil.

A cisão patológica, a disfunção entre o ego e o id, que é a base da neurose, passa a existir somente, portanto, no decurso do desenvolvimento de um modo capitalista de produção, que compele a uma subsunção progressiva de qualquer tipo de espontaneidade, emoção ou instinto, sob o racionalismo do capital (SCHNEIDER, 1977, p.188).

O trabalho alienado alienou o homem de si mesmo. Esta forma de alienação moderna que no presente artigo enfatiza o trabalho (dentre várias outras formas de alienação como; cultural, ideológica, científica etc.), está relacionada com a dificuldade de identificação própria do homem consigo mesmo, esta que, pela organização do trabalho atual passa a deturpar o processo de construção de identidade do homem, que não tem espaço para a exteriorização e subjetivação pessoal. Gillespie citado por Fromm nos diz que:

O trabalho se torna cada vez mais rotineiro e irreflexivo (...) os diretores científicos despojam o trabalhador de seu direito de pensar e mover-se livremente. A vida está sendo negada; a necessidade de controle, a capacidade criadora, a curiosidade e a independência de pensamento estão sendo eliminadas, e o resultado, o resultado inevitável, é a fuga ou a luta por parte do trabalhador, a apatia ou a tendência destrutiva, a regressão psíquica. (GILLESPIE, 1948, *apud* FROMM, 1955, p. 119).

O homem inserido na própria renúncia imposta pelo trabalho alienado tem sua energia seus instintos e suas potencialidades amortecidas e petrificadas. Devido a realidade debilitante do trabalho fadigoso, o corpo se vê na obrigação de recalques dos sentimentos e emoções. Esta dificuldade de representação dos sentimentos, emoções, como também, das pulsões instintivas, devido a realidade frustrante do trabalhador, pode

²⁵ A racionalização aqui descrita, se refere à um mecanismo de defesa psicológico onde que, neste contexto de artigo, o trabalhador é constrangido a embotar suas emoções e sentimentos moldando, forçadamente, sua personalidade aos pré-requisitos de determinada empresa e, assim, possa manter e garantir seu emprego.

desencadear quadros psicossomáticos. Esses quadros psicossomáticos são desencadeados justamente pela cisão da totalidade do trabalhador provocada trabalho alienado ou pelo acúmulo da energia instintiva (tensão) que a mesma forma de trabalho causa no trabalhador. Esta cisão pode se manifestar pela sabotagem inconsciente ou consciente do trabalhador (devido ao trabalho robotizado) em representar suas variações emocionais e sentimentais e o acúmulo das pulsões instintivas podem se tornar tóxicas e prejudiciais ao próprio organismo do trabalhador devido a sua não externalização. Toda esta cisão da totalidade do homem assim como todo este acúmulo das pulsões instintivas podem se expressar pelo corpo através de uma maneira menos esperada, ou seja, todo esse processo pode se convergir ao corpo pelo efeito de sintomas como: úlcera gástrica, artrite reumatóide, hipertensão, surto, stress, depressão e dentre outros (ZIMERMAN, 2010).

Nossa proposta consiste na apresentação do homem como um todo, destacando suas fontes impulsivas instintivas fisiológicas (pulsão sexual, necessidades orgânicas de alimentação, sociabilidade, entre outras) interligadas com as funções mentais superiores modeláveis como as emoções, a memória, a comunicação verbal e a não verbal a interpretação dos sentimentos etc. No entanto, toda esta totalidade do homem é fragmentada a partir do momento que o mesmo se submete ao trabalho serviu. Desta forma, pressupõe-se, a seguinte descrição:

Instintos (pulsões) > humanização (pulsões biológicas e funções superiores) > trabalho (repressão, anulação) > Sintomas

Não consta, no presente artigo, uma pesquisa sistematizada nosológica descritiva das doenças inerentes ao homem atual devido ao trabalho alienado. Entretanto, no presente texto, aborda-se a relação do homem com seu trabalho, que dentro de um contexto histórico onde este deixou de ser uma atividade objetivada se tornando, o trabalho alienado assalariado, uma prisão colocada pelo capitalismo. Porém, “(...) o domínio dos impulsos instintivos... na história da civilização, a repressão básica e a mais repressão encontram-se inextricavelmente interligadas” (MARCUSE, 2010, p.53).

Nesse sentido, temos o capitalismo ou, segundo a terminologia Marcuseana, a “mais repressão” representando a dominação civilizatória capitalista que tem na exploração da classe proletária a sua relativa estabilização.

Sendo assim, a classe proletária, em sua grande maioria, tem se submetido a

esses processos sociais e históricos de exploração, luta de classes, globalização (expansionismo imperialista), optando pela via de posição passiva. Se submetendo a todo esse procedimento depreciativo e corrosivo à totalidade biopsíquica humana levando consecutivamente a destruição da natureza (recursos naturais), a classe trabalhadora (aqui, o proletariado) ainda tem permanecido num estado de ressentimento, vitimização²⁶ e inércia.

Para Schneider (1977, p.238), “(...) a doença serve para expressar um protesto inconsciente ou consciente da monotonia do trabalho”. Assim, acredita-se, como causa desse processo de anulação e renúncia própria do indivíduo que vende sua força de trabalho e é explorado pelo capitalista, que o corpo é afetado em sua homeostase. Infere-se que devido alguns fatores estressores do trabalho como a mecanização, a robotização, a racionalização, a exploração, a rotinização, a pressão, a automação, o tempo cronometrado, o assédio moral, os ruídos, a insatisfação salarial, o desconforto físico entre outros fatores estressores, atuam de forma hostil à dinâmica psíquica do trabalhador. Neste sentido o sistema límbico (responsável pelas emoções), interligado como resposta às funções psíquicas superiores do homem, devido os estímulos estressores do trabalho, pode alterar todo o funcionamento bioquímico corporal em resposta a toda mudança emocional do trabalhador. A liberação de cortisol, por exemplo, pela glândula supra-renal num contexto de estresse causado pelo trabalho, se torna prejudicial ao organismo. Devido a sua utilidade natural (dar força ao organismo em situações de risco biológico), o cortisol, entretanto, dentro de um contexto onde o dano não é físico (primariamente), mas, sim, psíquico (estressante) se torna prejudicial principalmente ao sistema imunológico (ZIMERMAN, 2010). Portanto, infere-se que alguns sintomas, em se tratando de psicopatologia e trabalho, podem ser justamente a oposição proporcionada pela labuta do trabalho alienado que detém grande parte da vida dos que são subordinados a esta condição em antagonismo com o desejo instintivo e natural do homem.

Uma das definições de neurose é a de Freud (2006), que descreve que o id (instinto) com seus desejos de realização integral entra em conflito com o ego, devido as limitações impostas pela realidade submissa e exploradora que acomete o trabalhador e desta forma, a realidade frustrante da fadiga do trabalho se torna inadmissível ao próprio

²⁶ Claro, que a classe trabalhadora é vítima da exploração daqueles que detém o capital. Mas, o emprego da palavra vitimização, tem seu lado crítico, na referencia que se faz, no seu devido contexto, ao poder que a classe operária tem, mas não fazendo uso. Como por exemplo, o de parar a produção, provocando assim, mudanças drásticas no sistema capitalista, se não uma revolução.

trabalhador. É característico neste processo que o “ego” (trabalhador) pode não suportar a força inerente do desejo instintivo e pela falta de representação simbólica destas forças ou a transferência para vias consideradas, outrora, naturais, essas energias instintivas²⁷ “superinvestem” o próprio corpo, desencadeando sintomas retroativos, isto é, regressivos ao próprio corpo devido a realidade estressante do trabalho insubjetivado.

De outra forma, entende-se que o ego, não conseguindo processar uma carga de pulsões instintivas, se alia à repressão devido a submissão e absorção da dinâmica sistemática do trabalho. Logo, a obsessão de um trabalhador tende a se manifestar pela substituição representativa das pulsões do instinto sendo negadas pelo trabalho alienado. Desta maneira, o indivíduo encapsulando sua própria energia instintiva (por não ter outra escolha, é obrigado a trabalhar para sobreviver) por esta outra via, aceita e se submete a dinâmica do trabalho obsessivo-compulsivo neurótico.

Percebe-se a possibilidade entre a neurose e a obsessão da limitação do homem que carece de sua própria totalidade devido ao seu *servilismo racionalizado* imposto pelo trabalho. Esta totalidade aqui descrita refere-se à natureza humana em suas necessidades biopsicossociais, ou seja, a completa satisfação humana pela busca da completude prazerosa de todo o corpo sendo almejada pelo homem em sua naturalidade. Entende-se assim, que as potencialidades, as sensações e os sentimentos transmitem uma maneira concreta de auto realização pelo homem. No entanto, o trabalho alienado suprime a totalidade do homem: separa-o entre sua força de trabalho e sua personalidade. Exigindo, desta maneira, a defesa racionalizada daquilo que realmente sente, o trabalhador tem grande chance de entrar em colapso nervoso (surto psicológico, pânico, agressão) devido a desnutrição de seu lado psíquico emocional. Percebe-se a evidente anulação das potencialidades do trabalhador

(...) consistindo no fato de que o operário assalariado com seu produto é simultaneamente separado de suas qualidades genitais e potência que passam a confrontá-lo como uma força alienada (SCHNEIDER, 1977, p.223).

As potencialidades e a totalidade do homem se tornam descartáveis diante do trabalho alienado. Sendo assim, esta forma de trabalho servil divide o homem em parcelas, como também o quer em completa submissão.

Em resistência a toda essa dinâmica do trabalho serviu, o ego pode entrar em

²⁷ Todo o conjunto de forças impulsivas, ativas, criativas e volitivas que representam a vontade do homem em seu um todo.

conluio com o id e não aceitar a realidade exterior. Schneider complementa essa questão ao citar Freud:

O resultado do conflito psíquico depende, segundo Freud, de se saber se numa tensão conflitiva dessa espécie o ego permanece fiel à sua dependência do mundo exterior e tenta silenciar o id, ou se se deixa dominar pelo id, afastando-se assim da realidade (psicose) (SCHNEIDER, 1977, p. 244).

Esta aliança entre o ego e o id²⁸, isto é, a submissão do ego ao id, se rebela contra a realidade repressiva exterior, inseparável do capitalismo e do trabalho alienado. Acredita-se que o ego, em obediência ao id, cria outra realidade ilusória substitutiva, pela busca incessante de prazer do id, que ao mesmo tempo, o ego, mudando e negando a sua configuração de completude e realização saudável consciente, transcorre para um estado hostil de rebeldia na resistência da realidade castradora repressiva atual que é provocada pelo sistema capitalista.

Contudo, neste artigo, não consta uma pesquisa quantitativa e muito menos a demonstração de dados empíricos que comprovam o adoecimento do homem inserido na organização de trabalho atual alienante. Todavia, destaca-se o campo da psicopatologia relacionada ao trabalho, onde diversos autores destacam o risco e os efeitos desta forma de trabalho estranha ao corpo e a mente. Entre os autores que trabalham isso, podemos citar: Zanelli (2004), Rouquaryol (1988), Le Guillant (1984), Ricardo Antunes (2004), Dejours (1987) Wanderley Codo (2004), entre muitos outros autores que relatam em seus escritos a gravidade social e os caracteres clínicos de doenças interligadas com a forma do trabalho moderno.

Cotrim (1988) nos diz que as maneiras quantitativas (positivistas) de demonstração de dados através de pesquisas do governo relacionadas à saúde do trabalhador industrial, não estão fundamentadas nos problemas vitais de consequências individuais e sociais devido a industrialização. Percebe-se então, através de Cotrim, a maneira tendenciosa do governo em estreita relação com os capitalistas em abrandar o sofrimento do homem (trabalhador) diante do trabalho servil. Por isso, “o que se espera a ser sadio não é o operário e sim a fábrica e isso com vistas a um sadio aumento da produção e lucro” (SCHNEIDER, 1977, p.217).

Com isso dito, infere-se a crítica às pesquisas quantitativas, essas que, com um pressuposto de “neutralidade” não passam de meros cúmplices da classe capitalista dona

²⁸ Referente aos instintos delimitados aos impulsos primitivos de força volitiva do homem.

dos meios de produção e, desta forma, conluiadas com a classe dominante atual, os institutos de pesquisa mesmo que demonstrem a parte física doentia do trabalhador, ocultam o agente escravizante principal, que é o modo de organização do trabalho na sociedade capitalista que se baseia na exploração da classe capitalista sobre aqueles que vendem sua força de trabalho, ou seja, o proletariado.

Verifica-se, por conseguinte, que as novas formas de produção essenciais à sociedade, passaram também a produzir novas doenças interligadas ao homem (MITSCHERLICH, 1966) e a ciência que no momento é, em grande parte, financiada por um setor do capital, passa então a ficar interessada com o lucro derivado também das doenças criadas pelo próprio mercado de trabalho atual. Neste sentido Schneider nos diz:

A indústria farmacêutica e seus fornecedores, a indústria química, estão interessados, portanto, numa demanda crescente dos serviços médicos, ou seja, um mercado de pacientes em expansão. Este ramo do capital, portanto, não tem grande interesse, em definitivo, no desenvolvimento de um estado perfeito de saúde nacional, já que o seu negócio é, naturalmente a doença (SCHNEIDER, 1977, p. 239).

Para o autor acima citado, a doença em si tratando de psicopatologia e trabalho, ou seja, em consequência do trabalho alienado, consiste justamente na renúncia das potencialidades humanas que são anuladas pelo trabalho alienado. Portanto, através da presente obra, verifica-se também com uma breve passada na proposta psicanalítica, que nos dá condições de analisar o homem em sua totalidade pela tríade estrutural Freudiana (Id-Ego-Superego). Essa teoria compreende que esse processo conflituoso que acomete o trabalhador que tem seus instintos submetidos, anulados e postergados pelo sistema capitalista que tem suas bases na exploração pelo trabalho.

Desta forma, acredita-se, e ao mesmo tempo, apresenta-se uma reflexão de que tal força instintiva não podendo ficar impunemente contida, venha um dia a se manifestar na procura e busca gritante e incansável do homem por sua totalidade, desenvolvimento e realização de suas próprias potencialidades que fazem parte do trabalho. Porém, esse trabalho não sendo mais alienado, e sim, como objetivação e atividade consciente do homem para o próprio homem.

Referências Bibliográficas

COTRIM, G. *Filosofia para uma geração consciente*: Elementos da história do mundo ocidental. 3ª ed. São Paulo: Saraiva, 1988.

FREUD, S. *Além do princípio de prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. XVIII

- FREUD, S. *O Ego e o Id*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. XIX.
- FREUD, S. *O mal estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 2006 Vol.XXI.
- FREUD, S. *Os instintos e suas vicissitudes*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol.XIV.
- FROMM, E. *Psicanálise da sociedade contemporânea*. São Paulo: Círculo do livro, 1955.
- MARCUSE, H. *Eros e Civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. 8º ed. Rio de Janeiro : LTC, 2010.
- MARX, K. *A forma-valor simples, no seu conjunto*. In: MARX, K. O Capital. Coimbra, 1974.
- MITSCHERLICH, A. *A doença como conflito*. São Paulo: Zahar, 1966.
- SCHNEIDER, M. *Neurose e Classes Sociais: Uma síntese Freudiano-Marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- VIANA, N. *Cérebro e Ideologia: Uma crítica ao determinismo cerebral*. Jundiaí: Paco, 2010.
- VIANA, N. *Os Valores na sociedade moderna*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A.R *Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- ZIMERMAN, D. *Fundamentos Psicanalíticos; teoria, técnica e clínica*. Porto Alegre: Artmed,1999.



Jean Costa Santana

Graduado em Psicologia (Faculdade Unianhanguera); pós-graduando em Docência e Metodologia do Ensino Superior (Faculdade Unianhanguera); Cofundador do *Grupo de Estudo e Pesquisa Psicologia e Criatividade*. Atualmente pesquisa na área da Psicologia Esportiva.
E-mail: bandavincario@hotmail.com